

Lemgruber prevê PIB negativo

A economia brasileira poderá ter este ano um desempenho semelhante do ano passado: o crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) também deverá ser negativo, embora com uma taxa inferior a 1,9% de 1981, e os índices de inflação, correção monetária e cambial deverão ficar próximos ou superar os 95% do ano passado.

A previsão foi feita ontem pelo prof. da Fundação Getúlio Vargas e diretor da área internacional do Banco Boavista, Antônio Carlos Lemgruber, em almoço com os associados da Abamec (Associação Brasileira dos Analistas do Mercado de Capitais). Segundo ele, as previsões de que o produto agrícola será negativo este ano e o produto industrial terá um crescimento quase nulo indicam que o PIB voltará a ter uma variação negativa.

Influências externas

Em sua palestra, Lemgruber afirmou que para 1983, se a política econômica do Governo não for alterada, as previsões são mais otimistas quanto ao desempenho da economia brasileira, pois já há indícios de recuperação da economia mundial: os países desenvolvidos deverão voltar a ter taxas positivas de crescimento da atividade econômica; a inflação tende a cair, talvez a 5% ou 6% no próximo ano, nos principais países; e as taxas de juros internacionais consolidarão sua tendência de queda.

Já neste segundo semestre do ano ele espera que as taxas internacionais atinjam um nível médio inferior ao do primeiro semestre (acima de 13% para seis meses) e permaneçam inferior a 10% a partir de 83, embora ainda acima dos índices de inflação dos principais países. Como reflexo favorável para o Brasil, lembrou que esses declínio vai reduzir o crescimento da conta de juros da dívida externa brasileira — que será de 10 bilhões de dólares este ano — e elevar os preços internacionais das mercadorias exportadas pelo Brasil.

Quanto ao mercado financeiro internacional, disse que se a dívida externa brasileira mantiver nos próximos anos um crescimento em torno de 15% não haverá problemas de captação de recursos externos para o fechamento do balanço de pagamentos do país. Este ano, está sendo estimada uma expansão entre 15% e 18%.

Lemgruber lembrou que o crescimento da dívida será fixado pelo menor aumento da oferta de recursos no mercado internacional, cuja "fase dourada" já acabou. Além disso, os bancos poderão ficar mais seletivos após os problemas financeiros enfrentados por países como Polônia, Nigéria, Chile, Argentina e México e com a insolvência de instituições financeiras como as que ocorreram nos Estados Unidos, Alemanha e Canadá.